

MYLTON SEVERIANO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 24/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome é Mylton Severiano da Silva. Nasci em 10 de setembro de 1940, em Marília, a 460 quilômetros de onde estamos [São Paulo, capital].

Qual era o nome e a atividade de seus pais?

Meu pai: Bernardo Severiano da Silva, alagoano, tipo Djavan, quase negro. Nascido em Viçosa, a 200 quilômetros de Maceió, lá no sertão de Alagoas. Primeiro foi sapateiro, depois comerciante de calçados. Minha mãe era Giulietta Mazzola, italiana. Depois incorporou o "da Silva", quando casou com ele. Era, digamos, camponesa. Trabalhou em corte de cana, em cafezal, se encontraram em Marília, eram migrantes e lá eu nasci.

Quando você começou a se interessar por jornalismo?

Eu acho que não sei se existe esse negócio de DNA, pode ser, porque com oito anos e pouco eu tive um texto publicado. Meu pai gostava muito de caçar e aí quando eu fiquei mais "taludinho" ele começou a me levar para as redondezas de Marília. Nessa época não existia essa história de "politicamente correto", de não poder caçar. Esse negócio de não prender pássaro silvestre, isso não existia há 60 e tantos anos. Então ele caçava muita rolinha, perdiz, esses pássaros. Ele tinha uma *winchester* [rifle] novinha, zero bala, que era o sonho dele. Quando comprou a *winchester* ele ficou muito feliz. Então, um dia, ele me levou para uma caçada nas redondezas da cidade e, no meio da história, começou a cair um temporal e a gente se abrigou numa choupana de um casal de camponeses. Por sinal, eram nordestinos também, como ele. Era um casal muito pobre, claro, tinha uma criança pequena e uma de colo, no colo da mãe. Isso era um domingo, pela hora do almoço. E aí ele foi ao fogão daquele casal e pediu licença pra eles: "Olha, dá uma licença aqui. Eu vou olhar o que vocês vão comer hoje". Meu pai era tido

comunista, era político. Era um cara muito extrovertido, falante. Político, de esquerda, claro. E aí ele pediu licença e eles falaram: "Pode olhar". Aí ele abriu uma panela – uma – que tinha. Só um caldeirão. "Feijão", ele disse. "É sim senhor", responderam. "Vocês só vão comer feijão hoje?" O homem falou: "Não, a gente vai comer com farinha". Meu pai me disse: "Olha aí, meu filho, o que esses rapazes vão comer aqui hoje. Feijão com farinha". E ele ficou interrogando eles, perguntou onde que eles dormiam e entrou lá no fundo; eles dormiam em cima de palha de milho. Uma coisa! Eu nunca tinha visto algo assim. Meu pai era pequeno fabricante de calçados nessa hora, a gente era pobre, mas aquilo era miséria. Eu nunca tinha visto aquilo. Na hora que parou a chuva, que a gente foi embora, eu falei: "Papai, eu vou escrever essa história e mostrar pra professora". Ele falou: "Não, você me dê que eu mando para o *Terra Livre*. Era um jornal que o Partidão, o antigo Partido Comunista, fazia para camponeses. "Escreva e me dê, que eu mando para o *Terra Livre*". E aquilo foi publicado, meu pai ficou todo orgulhoso e eu, com oito anos, para mim não significava nada. Mas eu acho que foi uma coisa jornalística que eu fiz. Eu contei aquela historinha daquele dia, com o meu comentário. Eu era uma criança, mas acho que já era jornalista.

Você pensou em ter alguma outra formação, estudou para alguma outra profissão ou o jornalismo já foi o seu caminho?

Sim. Eu acho que essa coisa vem no sangue, porque, em seguida, tinha o jornalzinho da escola. Lá a professora pegou um trabalho escolar meu que estava muito bom e publicou. Depois, no ginásio – antigo ginásio – tinha um jornalzinho chamado *Uirapuru*, lá no colégio estadual de Marília, e quem cuidava do jornal era eu e mais um amigo que hoje é jornalista também, o Woile [Guimarães]. Na faculdade de Direito, onde eu entrei, também havia um jornal, *A Arcada*, do qual eu cuidava. Então você vê que tem uma coerência aí. Eu fui fazer Direito porque meu pai queria que eu fosse advogado, pra defender os trabalhadores, por causa da militância política dele, então ele queria que o filho fosse advogado.

Então o seu pai queria que você fizesse Direito...

Sim, meu pai ele, quando eu estava terminando o ginásio me perguntou: "O que você vai fazer?" Primeiro eu achava que queria arquitetura, mas eu não sabia que tinha que ser bom em Exatas e eu era péssimo nisso. Só era bom em Humanas, tinha que ser, como jornalista. Então ele me fez a cabeça para fazer Direito e eu, de fato, acabei entrando mesmo. Mas fiz dois anos e meio e tranquei. Nunca mais voltei. Meu negócio era jornalismo mesmo.

E aí como você chega ao seu primeiro emprego no jornalismo?

Eu vim para São Paulo com 19 anos. Eu parei um ano para servir no Exército, na cavalaria, uma coisa louca. Também gosto muito de alardear que eu sou formado em acordeon. Eu fiz seis anos, lá em Marília. Me formei em acordeon. Eu acho que isso tem alguma coisa a ver porque a música acrescenta muito na vida de uma pessoa. Aliás, eu fiquei sabendo agora que vai voltar a ter aula de música nas escolas e eu acho muito importante isso. Mas, voltando, eu terminei de estudar música, fui fazer o exército, fiquei um ano lá em Belavista, na fronteira com o Paraguai, tirei o meu certificado de reservista de primeira categoria. Eu me considero meio militar, mas eu acho que serviria melhor na banda militar. Mas aí meu pai me fez a cabeça: "Vai fazer Direito, porque depois você volta para Marília e vai atender aos trabalhadores". Muito bem. Eu cheguei em São Paulo, meu pai me deu um dinheirinho que deu para passar um mês, dois meses; mas logo eu tratei de procurar emprego e fui falar com o Woile [Guimarães], meu amigo que veio um ano antes – porque ele não fez Exército. Ele veio para São Paulo e o pai dele tinha um amigo na *Folha de S. Paulo* que arrumou um lugar para ele. Em um ano de *Folha de S. Paulo* ele já estava ali meio de "sub" de uma editoria que chamava Interior e Estados e ele me arrumou um lugar lá na revisão e falou: "Você entra aqui na revisão e assim que tiver uma vaga lá você sobe". Subir mesmo, de andar. No segundo [andar] era a revisão e no quarto era a redação. E foi o que aconteceu. Com três meses de revisão, abriu um lugar lá onde o Woile estava e eu fui para o quarto andar. Aquilo me deixou muito entusiasmado. Eu pensei comigo: "É isso aqui que eu quero. É jornalismo mesmo que eu quero", e graças a Deus não existia aquela porcaria de exigir diploma. A gente tinha era vocação mesmo. Então comecei assim. Com três meses eu já era jornalista profissional, ganhando dinheiro com jornalismo.

E que áreas você cobria? Como era esse seu primeiro tempo aprendendo a ser repórter?

Primeiro eu entrei nessa editoria, que era uma sala junto da redação. Tinha uma porta que ficava aberta. Era um apêndice da redação, digamos assim. A gente ficava aprendendo mesmo, porque era atender telefone e ligar para as cidades, para os estados; quando acontecia alguma coisa que a gente ficava sabendo por rádio, telegrama, telex, a gente redigia. Telefona, anota e redige. Era assim. Um dia – sempre acontece esse tipo de coisa – teve uma efeméride, que foi a Revolução de 1932, era 9 de julho e teve uma comemoração na Praça da República, no centro de São Paulo. Foi minha primeira saída como repórter. "Ó, tem uma coisinha simples, os veteranos de 32. Ouve um, ouve outro, anota no

caderninho, volta pra redação e escreve". Tinha uma coisa muito incrível, para quem vive hoje no mundo da internet, que era a comunicação. A gente se comunicava pela telefônica, ou por telex, ou por rádio escuta. Nessa editoria primeira que trabalhei tinha umas cabines fechadas, envidraçadas que ficavam lá os radio escutas, ouvindo. Eles gravavam com um "gravadorzão" que ficava em cima da mesa e depois ficava tirando as principais notícias. Ouvia as rádios de Recife, Rio Grande do Sul. Era assim que você fazia as pautas e até pegava notícia mais rápido. Mas quando acontecia alguma coisa que você precisava ter mais informação, por exemplo, Recife. Eu me lembro muito bem uma vez pedi uma ligação para Recife. E você não fazia DDD, isso não existia; nem comunicação direta fora da sua cidade. Você tinha que ligar para a telefônica, as telefonistas atendiam e você dizia: "Eu quero uma ligação para Recife". E Recife era, invariavelmente, um dia ou dois para fazer a ligação e você tinha que esperar. Era uma coisa muito louca.

Como era a *Folha* nesse tempo? Que tipo de jornal era a *Folha*?

Entrei em janeiro de 1960. A *Folha* era o segundo jornal de São Paulo. Talvez até o terceiro, porque o *Correio Paulistano* – que morreu – ainda era um jornal razoável. Aliás, era o jornal que meu pai assinava lá em Marília quando eu era criança. O primeiro era o *Estadão* [*O Estado de S.Paulo*], mais tradicional. Mas o meu pai não assinava o *Estadão* porque o jornal era – era não, é – muito reacionário, mais que hoje. Meu pai não assinava. O *Correio Paulistano* era menos reacionário. A *Folha* era um jornal ainda bem provinciano, pequeno. Mas, ali naquela época, no começo dos anos 60, eu não sei por que razão lá da cúpula do jornal, existia uma certa liberdade na redação de exercer o jornalismo. Ali naquele começo dos anos 60 – 1958 é o ano em que o José Hamilton Ribeiro entra com outros da nossa turma que vem fazer a *Realidade*. Mas ali, no começo dos anos 60 tinha pelo menos uns dez jornalistas que hoje são reconhecidamente os grandes jornalistas da minha geração. A gente tinha certa margem de manobra para fazer a *Folha*. Tanto que o Woile [Guimarães], esse que me chamou, foi secretário de redação e a gente tinha certa liberdade de tocar o jornal. Quando eu entrei ainda era o [José] Nabantino Ramos, que era o dono do jornal. Foi dois anos depois que veio a passagem para o Frias [Otávio Frias de Oliveira], que comprou o jornal. Ali tinha uma fornada de jornalistas que... Eu trabalhei com quem ali? O José Hamilton Ribeiro, o Woile Guimarães, o Murilo Felisberto, José Carlos Marão. Todos esses nomes que eu to citando... O Renato Pompeu, que vocês entrevistaram. O irmão dele, o Sérgio Pompeu; os dois irmãos. O tio deles, Hélio Pompeu, também era bom. Então ali

tinha uma fornada de bons jornalistas naquele momento na *Folha de S. Paulo*. Foi muito importante essa época da *Folha* pro jornalismo brasileiro.

A gente está falando aí de um momento que antecede o golpe. Como a *Folha* se comporta do ponto de vista político?

Pessimamente, né? Ela não foi exceção. Toda a mídia brasileira, com uma única exceção, que é a *Última Hora*, do Samuel Wainer, se comportou da maneira mais indigna. Todos fomentaram o golpe. Alimentaram a fogueira dos golpistas. Foi uma traição nacional aquilo que a imprensa fez – imprensa eu digo, por extensão, televisão e rádio também. Todos os veículos, todos com a honrosa exceção do *Ultima Hora*, do Samuel Wainer. Foi uma coisa horrorosa. Engraçado que – depois que a gente sabe – no momento do olho do furacão, você não sabe o que é aquilo. Você não sabe interpretar aquilo. Mas em 1962, por exemplo, em consequência de uma famosa greve aqui em São Paulo do ano anterior, em que nós conseguimos o piso salarial e outros direitos, mas principalmente o piso salarial da categoria. A gente ganhava salário mínimo quando começava a trabalhar e se não reclamasse ficava ganhando salário mínimo a vida toda. Então nós conseguimos o piso salarial que não era o dobro, mas era quase o dobro do salário mínimo. Em consequência dessa greve, em que os jornalistas foram muito firmes, apanharam da polícia – e não era PM, era Força Pública, naquela época –, a Força Pública botou até aquele tipo de carro que parecia o “Caveirão”, jogava uma água gelada com areia na gente. Então nós conseguimos várias vitórias nessa greve, mas os cabeças e os que tiveram participação muito ativa, em 1962, a partir do começo daquele ano, eles começaram a ser demitidos na *Folha*. Eu fui um deles. Isso já era preparação do golpe, que era cortar as cabeças. Depois que a gente começa a perceber. Depois cai a ficha, como se diz hoje. E em 1962, então, começaram a demitir essas pessoas mais aguerridas. Em 1963 o Woile tinha ficado na *Folha*, ele me chamou de volta e eu consegui voltar. Aí veio o tal do plebiscito que era para botar o João Goulart, que era o presidente, de novo com poderes de executivo - teve aquele episódio do parlamentarismo – e a direita começou a acender. Vinham as eleições e eu me lembro que a gente encontrava uns colegas do *Estadão* [*O Estado de S. Paulo*] – que estava até o pescoço. Os Mesquitas estavam conspirando mesmo. A *Folha* estava já na mão do Frias, não sei se eles conspiraram, não posso dizer. Mas o pessoal do *Estadão*, a gente se encontrava nos bares, de noite. Tinha um tal de Lobatinho que me disse assim, uma vez: “Nós estamos em trincheiras diferentes, viu? Você vai ver, daqui a pouco, o que vai acontecer com vocês, viu? Seus vermelhinhos”. E a gente era tudo garoto, 20 e poucos anos; falava isso meio de brincadeira, mas era verdade. Quando veio então o golpe militar, a gente, durante

alguns dias, chamava o golpe de Golpe de 1º de Abril, porque embora o [Olímpio] Mourão Filho tivesse detonado o movimento lá em Juiz de Fora em 31 de março, o golpe se tornou vitorioso em 1º de Abril, porque, por enquanto, ali era ainda só uma movimentação de tropas. Mas isso, tranquilamente, em uma semana de a gente chamar o Golpe de 1º de Abril, numa forma jocosa, veio uma ordem de cima para passar a chamar de Revolução de 31 de Março. Então a *Folha [de S. Paulo]* logo entrou também na festa. Mas, desde as vésperas, a *Folha* também já estava apoiando, porque deu manchete da famosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade – olha que coisa falsa. Mas com foto deste tamanho, manchete, dizendo: “São Paulo marchou pela democracia”. Já era golpismo. Então o papel da *Folha* não foi mais bonito do que os outros não.

Você em 1964 vai para a *Quatro Rodas*?

Exato.

O que determinou a sua saída da *Folha* e a entrada na *Quatro Rodas*?

Meu pai estava preso. Meu pai foi preso na madrugada do dia primeiro de abril. Só não levaram ele de cueca porque minha mãe gritou com os soldados. Foi preso de madrugada. Três, quatro [horas] da manhã. Então meu pai estava preso no presídio do Hipódromo, que hoje é desativado. Isso foi em junho de 64. Eu estava na *Folha* ainda e, para achar meu pai, fui falar com um repórter de polícia. Os repórteres “de polícia” eram repórteres “da polícia”. Hoje não é mais assim. Esse repórter tinha lá os caminhos dele, localizou meu pai para mim e eu fiz uma visita para ele. Mas aí por volta de começo de Junho, um amigo que eu tinha levado para a *Folha de S. Paulo*, Antoniel Santos Pereira, teve um convite para ir para uma agência de propaganda. Sair do jornalismo para agência de propaganda. É um sujeito muito criativo. E nesse mesmo tempo convidaram o Antoniel para redator da *Quatro Rodas*. Ele preferiu a propaganda porque ganhava muito mais dinheiro. Foi pelo dinheiro; e me indicou. Então houve essa minha passagem para a editora Abril. O Paulo Patarra era editor de redação da *Quatro Rodas*. Me chamou e aí eu comecei na *Quatro Rodas*, assim. Meu pai estava preso e foi aí que eu saí da faculdade porque, na *Folha*, eu entrava cinco da tarde e eu ia na faculdade de direito de manhã. Só que a Abril tinha esse esquema: das nove da manhã às seis da tarde, com duas horas para almoço. Então eu aproveitei. Meu pai preso, eu tranquei a matrícula na faculdade e fui para a *Quatro Rodas*.

Conta um pouco dessa experiência da *Quatro Rodas*, porque a gente percebe que foi ali que se reuniu um grupo que depois vai para a

Realidade... Fala um pouco da importância desse momento da Abril, do grupo que se forma na Quatro Rodas. Conta um pouquinho como essas coisas se passaram.

A Abril tinha começado com o Pato Donald. Depois já tinha a *Cláudia*, enfim, era uma editora começando. Sabe-se que o Victor Civita trouxe uma mala de dólares dos Estados Unidos, não interessa como e não vou também nem investigar. Parece que o *Time Life* financiou, não sei. Estava aí a Abril começando e a *Quatro Rodas*, ela nasceu com a indústria automobilística do Juscelino [Kubitschek], com a política dos "cinquenta anos em cinco", a bossa nova. O país estourando, numa efervescência. E a Abril começava já a pensar em alguma publicação que lhe desse o chamado prestígio, porque as publicações que ela tinha eram revistas infantis, uma revista feminina e uma de automóveis. Parece que já tinha também uma de televisão, Intervalo. Mas o Paulo Patarra foi o cara que sacou isso. Ou por intuição ou *inside information* do próprio Victor. Ele gostava muito do Paulo Patarra. Então ali a gente se reúne; algumas pessoas que vinham daquela fornada que eu citei no início lá da *Folha*. Quem que estava na *Quatro Rodas*: O Paulo Patarra vinha da *Ultima Hora*, Narciso Kalili também. Mas da *Folha* estávamos eu, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Marão, depois viria o Woile [Guimarães] – eu trouxe o Woile para a Abril – e o Sérgio de Souza, que também estava na *Quatro Rodas*. Então você vê que é aquela turminha que já vai se juntando ali. O que acontece na *Quatro Rodas*? Uma revista – Carlos Azevedo, importantíssimo, repórter de primeira categoria também passou pela *Folha*, naquele momento de 62. – Acontece o seguinte: A revista *Quatro Rodas* que é uma revista, até hoje, de turismo e automobilismo, motociclismo, começa a fazer umas reportagens que não tem muito a ver com turismo e automobilismo, era um ensaio para o que viria, que não se sabia ainda o que seria, que depois viria a ser a revista *Realidade*. Uma coisa que é importante dizer também sobre a *Quatro Rodas* e a Editora Abril é o início da real profissionalização do jornalista. Porque a gente ganhava muito mal e, embora a greve de 61 tenha permitido um ganho, a gente ganhava muito mal. E a editora Abril, eu posso te dar o meu exemplo: eu ganhava na *Folha* [de S. Paulo], em 64, 60 mil dinheiros, sei lá – o país muda de dinheiro muito naquela época – e o Paulo Patarra me ofereceu, pedindo desculpas, 280 mil para, em dois ou três meses no máximo – e isso ocorreu, de fato – ganhar 300 mil. Cinco vezes mais. Então a Abril profissionalizou o jornalismo. Ela contribuiu muito para isso. O padrão que a gente tinha, na época, eu exemplifico com uma anedota do capitão dos *Diários Associados*, o Assis Chateaubriand, o sujeito foi pedir aumento para ele, um jornalista dos bons – hoje se perde o nome dele, mas na época eu me lembrava bem. Um dos jornalistas dos *Diários Associados* foi pedir aumento ao Assis

Chateaubriand e ele: "Que isso?! Você tem carteira de jornalista?"; "Eu tenho, doutor, mas eu quero um aumento"; "Mas se você tem carteira de jornalista, use." Isso não é uma anedota de ficção. Era real. Era essa a imagem do jornalista, sabe? Não tinha profissionalização.

Antes de você ir para a *Realidade* em 1966, você teve uma passagem pelo *Estadão* e pelo *Jornal da Tarde* e que corresponde ainda a um período anterior ao AI-5. Havia alguma diferença em atuar nesses dois jornais dos Mesquita, nesse quadro de uma ditadura iniciante, mas que não endureceu tanto quanto depois do AI-5? Qual é a situação do jornalismo particularmente nesses dois veículos?

O *Jornal da Tarde* nasce no mesmo ano que a revista *Realidade*, um pouquinho antes. O *Jornal da Tarde* estreou no aniversário de fundação do *Estadão* [O Estado de S. Paulo], dia 4 de janeiro de 66. Eu entrei lá logo no comecinho, porque a *Realidade* não existia, mas o núcleo inicial já tinha saído da *Quatro Rodas*, que era o Paulo Patarra, o Sérgio de Souza; talvez o José Carlos Marão. Mas enfim, o Paulo Patarra já tinha ido para o 14º andar para montar um veículo novo que não se sabia nem nome, nem o que seria. Então eu fiquei meio aborrecido de ficar lá na *Quatro Rodas* sem os grandes e fui para o *Jornal da Tarde*, que estava nascendo. Devo ter ido no começo, fevereiro ou janeiro mesmo. E o *Jornal da Tarde* foi também uma experiência muito intensa, porque lá estavam, na cabeça, Murilo Felisberto, o Mino Carta, montando um jornal diário. Por incrível que pareça uma família conservadora, até reacionária, deu aquela liberdade de criação para aquela verdadeira tropa de jovens, todos entre 20 e 30 anos, uma garotada. Uma loucura aquilo. Não sei o que deu na cabeça dos Mesquitas. Eles deixaram fazer, sabe? Foi muito rica a experiência por causa dessa liberdade e também de fazer uma coisa nova. Vinha com uma liberdade de linguagem também. Muito importante a contribuição do Murilo Felisberto no desenho do *Jornal da Tarde*. Aqueles brancos, enfim, uma coisa bonita, uma coisa nova. O *Jornal da Tarde* sobrevive hoje por causa daquele impacto inicial, daquela novidade, que foi aquela redação incrível. Mas no *Estado de S. Paulo*, eu não cheguei a trabalhar na redação normal, só na edição de Esportes. Isso foi antes, em 65. Um ano antes. Já era o macedouro do *Jornal da Tarde*. A gente trabalhava só sábado e domingo. Era *freelancer*. Eu trabalhava durante a semana na *Quatro Rodas* e sábado e domingo trabalhava lá, fechando a edição de esportes. Já tinha um embrião do *Jornal da Tarde* por quê? Porque eram redatores que fechavam a edição de esportes também com muita liberdade de escrever. Então eu escrevia sobre esportes de uma maneira nova. De público não teve sucesso, mas de crítica foi. Eu me lembro que tinha lá um

descendente de alemães o Rolf Kuntz, um exemplo que eu estou te dando, que fez um *lead* de futebol citando Santo Tomás de Aquino, uma coisa maluca. Um leitor que lia a gazeta esportiva, lendo uma notícia de futebol que cita Santo Tomás de Aquino, mas enfim. Isso é uma anedota que está aí, mas demonstra que liberdade que a gente tinha e que experimentalismo que era aquele momento; e mudou realmente a face do jornalismo brasileiro naquele momento. Essa juventude que vinha com outras idéias, mudando mesmo; mas isso não é nenhuma vanglória nossa, é que a vida é assim. Os anos 60 foram muitos ricos. Era a década da pílula, dos movimentos de maio de 1968, enfim, uma revolução que aconteceu no mundo todo.

Você acha que essa renovação, por exemplo, esse jornal mais jovem que era o *Jornal da Tarde*, tem a ver com isso?

Tem a ver com isso. É realmente um momento e que não é só no Brasil. Nós pegamos o reflexo. É uma coisa mundial mesmo. Os protestos nos Estados Unidos contra a guerra no Vietnã. É o ácido lisérgico; a pílula; a minissaia. Hoje, minissaia, você vê a calcinha da mulher, mas nos anos 60 isso é uma revolução mundial, que hoje as pessoas estão em outra e não fazem idéia do que era aquilo. Porque você até ali, no início dos anos 60, você não ia para a cama com sua namorada. Isso era um absurdo. Não existia o divórcio, as pessoas desquitavam e a mulher desquitada era tratada como prostituta quase; era uma mulher fácil. Então tudo isso foi sendo demolido, a revista *Realidade* foi a expressão disso também e por felicidade eu estava lá. Podia ter sido outro, mas tinha que ser a gente, porque é toda uma conjunção astral, vamos dizer. Vem a pílula, a minissaia, as revoltas estudantis pelo mundo, a primavera de Praga. Tudo isso aí culminou na rua João Adolfo, no centro de São Paulo, perto do Anhangabaú, no 14º andar, na revista *Realidade*. Na praia do jornalismo. A revista *Realidade* foi não só expressão, mas também ponta de lança disso aí, porque ela foi ainda mais pra frente do que aquilo que estava acontecendo, por causa das pessoas que estavam ali. Eram todas pessoas transgressoras, no bom sentido.

Então isso talvez seria o sucesso da *Realidade*? Ela ter sido o lugar em que essa pauta nova – porque o mundo está mudando, tem uma pauta nova – que ela explorou, foi isso?

Exatamente, porque isso é um fenômeno irrepetível, né. Se não fosse com essa turma nossa, não aconteceria com outra turma. Não dava. É uma conjunção astral mesmo, isso aí. Parece que existe um trabalho que fala sobre isso, eu não consegui ainda localizar, mas deram notícia que alguém escreveu sobre isso.

Sobre Realidade?

Não, sobre essa conjunção. Porque tinha que ser o Victor Civita, não podia ser o filho, porque o filho é conservador. Tinha que ser um cara como o Victor que era aberto, uma mente aberta, que deu liberdade pra gente fazer, que confiou na turma. Soltou né, soltou as rédeas e quando puxava a gente dava ainda umas: "Tira a mão daqui!". Porque tinha força. E por que tinha força? Porque vendia que nem pãozinho quente. Existia uma fome dos leitores; uma sede. Uma fome de uma coisa nova. O que existia na imprensa até ali? Eram coisas velhas, mofadas, pão velho e veio aquela renovação.

Quem é esse leitor da Realidade?

Eram moços, jovens casais. A intelectualidade toda da esquerda.

Porque a gente, ao mesmo tempo, está falando de uma revista que aposta na quebra de tabus. Ela fala de aborto, do celibato dos padres, mas isso tudo em uma sociedade que era muito conservadora. Mas mesmo assim Realidade conseguiu criar um público...

É. Ela galvanizou. Porque você veja, uma revista que, há 42 anos, tirava 200 mil exemplares... Hoje tirar 200 mil exemplares já é sufoco. Em poucos meses bate em 600 mil. Antes de um ano já tinha batido nos 600 mil, é um fenômeno.

Mas também em um tempo em que a televisão não era tão popular...

Sim, mas eu não acho que isso tenha muito a ver. Porque a leitura é outra enfermaria, é outra coisa. Então você, há 42 anos, ter 500, 600 mil brasileiros comprando uma revista todo mês ali na banca... Uma diversão nossa era, no dia em que a revista ia pra banca, sair na rua pra ver. Era muito divertido. Porque era real. Você sair ali, subir a ladeira da memória – bom nome – ir para a Praça da República e toda banca em que passava dava uma paradinha e, em cinco minutos, alguém comprava a revista. Ela saía mesmo. No dia em que saía o pessoal ia pra banca comprar. Ela era esperada.

Fala um pouco sobre quem são os seus colegas dessa turma inicial de Realidade e como foi a atuação de cada um.

Incontestemente que o Paulo Patarra foi o meio de campo. O cara que montou o time. Essa é a glória do Paulo Patarra, principal. Ele montou um time, isso é muito importante. Botar as pessoas, montar o time e administrar também a ligação patrão - redação. Isso também foi um papel que ele exerceu com maestria, muito

diplomático e muito maquiavélico, no bom sentido. Saber jogar, um grande jogador. Ele que detestava jogo. Ele jogava na vida, mas carta ele não gostava. E o papel dele também de defender a turma, principalmente salarial. A gente ganhava os maiores salários desse país. Na média, ali, eu ganhava um fusca 0 km por mês. Acima de mim era o próprio Paulo, o Sérgio de Souza, que era o editor de texto; e talvez o editor de arte, que era o Eduardo Barreto Filho; que ganhavam mais. Mas se eu era do time logo abaixo deles e tinha esse salário, você faça uma idéia. E era um tempo também, ainda de inflação, então todo mês alguém tinha um aumento naquela revista. Todo mês alguém era aumentado. Se não um só, às vezes dois, três. Porque tinha inflação. Então ele lutava por nós com unhas e dentes. E ganhava sempre e a gente era muito bem pago. Abaixo do Paulo – não era abaixo hierarquicamente, porque era um time, uma coisa maravilhosa – tinha o Sérgio de Souza, que é uma criação, ele criou um cargo para ele. Ele era o editor de textos. Isso ele inventou e hoje ainda existe. A gente chamava o Sérgio de capitão ou de eminência parda. Porque o Paulo não fechava nada sem consultar o Sérgio. O Sérgio morreu agora em 25 de março de 2008 e foi o fundador da revista que eu estou tocando agora, que é a Caros Amigos; e foi meu professor. Minha pós-graduação – vamos dizer – em jornalismo foi com o Sérgio de Souza. Aprendi o pulo do gato com ele. Depois tinha umas pessoas muito importantes na equipe, embora sem cargo. Sem aquele cargo. Que eram o Roberto Freire, que era psicanalista – também morreu esse ano, em maio – dramaturgo e também era muito influente na equipe e exerceu um belo papel por causa dessas qualificações dele. O Eduardo Barreto, o editor de arte ou chefe de arte, como se chamava na época; muito interessante também porque o cara casou com a gente. Abria aquelas fotos, a revista era limpa, não tinha fricote, não tinha frescura alguma; era muito limpa, legível. Aí tem o reportariado, eu era o braço direito do Serjão [Sérgio de Souza] no texto. Os repórteres eram escritores, 90% do pessoal escrevia muito bem. A revista erigia um jornalismo em literatura mesmo, de alta qualidade. O Serjão só lapidava aquilo. Mas eu cito como preferências minhas. Eu gostava bastante do Carlos Azevedo, porque vinha uma carga humana muito forte nos textos dele, nas reportagens dele. E o Narciso Kalili que era um grande provocador, esse também era... Tem umas pessoas que se faltassem a fórmula não ficaria tão boa. Esse Narciso Kalili era um provocador no sentido de ficar o tempo todo atijando, provocando. O José Carlos Marão eu gostava muito do texto dele porque ele era um perfeccionista. Então é aquela troca que havia. Ele aprendia comigo, mas eu aprendia com ele também. Eu tirava muita coisa dele. A gente ficou muito amigo. Uma vez eu cheguei na casa dele e ele estava escrevendo uma reportagem na maquininha Olivetti Lettera 22 . A gente escrevia em laudas, que chamava lauda

duque, porque o Duque Estrada, que hoje é o chefe de arte da Carta Capital, normatizou a lauda. Porque antes era à vontade. Você sentava e escrevia. Ele inventou a lauda que depois ficou chamada lauda duque, que eram vinte linhas de 70 toques cada uma. Chegou em 70, acabava a lauda; tinha que passar para a outra linha. E 20 linhas. Então 1400 toques por lauda. E o José Carlos Marão, nesse dia que eu fiz essa visita, ele estava na linha 19 da primeira lauda da reportagem e errou e arrancou e pôs do lado e começou a copiar tudo de novo. Então você veja o perfeccionismo do cara. Ele não queria entregar uma lauda rasurada, com um xis em cima. Ao contrário do Narciso Kalili que entregava originais colados com durex. Cortava um pedaço da lauda 40 e colocava na lauda 3, era uma sujeira... Nós tínhamos um padrão, a reportagem de bom tamanho ficava entre 16 e 18 laudas. Podia ter mais se fosse uma coisa especial, mas o Marão entregava as 16 laudas dele toda limpinha, não tinha nem um xis. E ele me ensinou uma coisa muito interessante, que eu nunca vou esquecer. Eu peguei o texto dele um dia e falei assim: "Você começou desse jeito aqui por quê?". Ele era do interior, então é um dos dois ou três - o Zé Hamilton [José Hamilton Ribeiro] é outro que me chama até hoje de "Mirtin" - e ele disse assim: "Mirtin, você pode começar um texto onde você quiser. Quer ver ó...". Ele pôs o dedo no meio da matéria e eu comecei a ler e falei: "Nossa, isso aqui pra começar seria mais lindo ainda". Então era um cara também inesquecível para mim. Olha, eu posso falar horas do pessoal da redação. Tinha as meninas. As redações daquela época não tinha mulher. Tinha se fosse a secretária, a telefonista. Começaram a chegar as mulheres para a redação. A Norma Freire, a Lana [Switlana Nowicow] - que depois veio a casar com o Sérgio de Souza - que começou como secretária e acabou repórter. Quando eu entrei na Folha de S. Paulo, por exemplo, em 60, tinha a Dona Olga, que era telefonista e tinha a Lenita Tavares de Miranda, que era uma escritora de livros infantis que trabalhava lá na *Folha Ilustrada* e não era jornalista. Ela fazia uma sessão pra crianças, a Folhinha. Então, na Revista *Realidade* e no *Jornal da Tarde*, isso faz parte da época. As mulheres começaram a trabalhar na redação, não como secretária, ou como subalterna, que seja.

Continuando na *Realidade*, como era o cotidiano de produção da revista?

Havia especificidades. Vamos começar com a reunião de pauta, que era o começo do ciclo mensal. Ela tinha duas etapas. A primeira era na casa de alguém da turma. O José Hamilton [Ribeiro] já deve ter contado alguma coisa. Na casa do Paulo Patarra; uma vez foi na minha casa, uma vez talvez na casa do Woile [Guimarães], enfim, na casa de alguém. Na reunião de pauta, quem tomava álcool bebia - na época o uísque importado era muito caro, a gente tomava Old Eight e

providenciava uns salgadinhos também. Alguém que não bebesse ou bebesse pouco ficava secretariando e anotando todas as maluquices que eram sugeridas. Aquilo depois desandava em festa, invariavelmente. Ia longe, meia noite, uma da manhã, aquela farra. No dia seguinte, sóbrios - o Paulo Patarra, o Serjão [Sérgio de Souza], às vezes eu - faziam uma peneira daquilo, porque o álcool libera e às vezes a maluquice é válida, às vezes é uma bobagem mesmo. Então, dava uma peneirada naquilo e depois fechava negócio. Aí era a segunda reunião, com o Robert Civita, o filho do homem. É como dizia Tancredo Neves: "Primeiro vamos decidir, depois a gente faz a reunião". Então, primeiro a gente decidia. Praticamente tudo daquela decisão nossa era a pauta, porque era tudo bom, mesmo. Mas a gente a submetia a uma reunião com o Robert Civita, na sala dele; que tinha a peculiaridade de praticamente todo mês dizer: "Mas e a verdade positiva? Não tem nada?". Porque a gente ia para a extrema esquerda. Era só problema: greve; parto; o padre que quer casar; sou mãe solteira e me orgulho disso, enfim; e o Roberto ponderava e a gente aceitava que tinha que ter realmente alguma coisa. Então saía, por exemplo, o perfil do ditador de plantão, o Costa e Silva ou Dona Yolanda Costa e Silva ou um "fazedor", um empreendedor. Dessas duas reuniões saía a pauta da revista para o mês seguinte. Os repórteres tinham praticamente um mês para trabalhar, porque a Abril abriu seus cofres. Saíam pelo menos quatro ou cinco duplas - repórter de escrever e fotográfico - para a rua ou até para outros países. Era uma revista muito cara. Ficavam, em geral, três semanas e mais uma para escrever. Esse era o ritmo normal. Fechou a revista, o pessoal da cozinha - como se diz - eu; Serjão; ficava ali só trocando figurinhas. Às vezes tinha material de gaveta: "Vamos tocar essa reportagem que está aqui na gaveta"; e os repórteres iam voltando. Às vezes tinha repórter que voltava fora do ritmo, porque, por exemplo, o Azevedo e o Mamprin, o fotógrafo, Luigi Mamprin, gostavam muito de fazer mato, índio, Xingu; outros tinham ido para o exterior; Haiti; tivemos em outros países, República Dominicana; então essas matérias que demoravam mais, o cara voltava na entressafra. Na volta dos repórteres havia uma cerimônia muito bonita, que era a escolha de fotografias. Durava um, dois, às vezes três dias. Era a época dos cromos, chamava cineminha. A gente ia para a sala da arte, fechava as janelas para ficar escurinho. Era projetor circular, de slide - não existe mais. Vinha mais de 100 fotos geralmente. O fotógrafo naquela época queimava filme mesmo. Então punha os slides, fazia uma seleção prévia e todo mundo que estivesse na redação estava livre. Quem quisesse assistir podia assistir e até era convidado. Secretária, Office Boy. "Vem ver, cineminha! Vamos ver as fotos da matéria tal". Ficava projetando aquilo na parede e ia escolhendo, de preferência com o repórter e o fotógrafo. A não ser que já tivessem viajado para outra coisa, mas de preferência

com os dois, claro. Então durava um dia e, às vezes, continuava no dia seguinte a escolha de fotos de cada reportagem. Era muito depurado esse procedimento. Bem, aí os repórteres que escreviam iam para a casa, salvo se quisessem escrever na redação, mas a maioria ia para casa. Ficavam uma semana em casa, escrevendo. Às vezes tinha que ir lá a mando militar buscar, porque a gente precisava fechar. Esse era, grosso modo, o ritmo normal de um mês nosso. Aí vinha o fechamento. Muitas vezes, invariavelmente a cozinha - eu, Sérgio [de Souza], mais tarde o Antoniel Santos Pereira veio para o texto também (porque a revista veio crescendo) - tinha que varar madrugada afora, fechando. Esse era basicamente o ritmo mensal da revista.

Tem um momento em que esse grupo inicial sai da *Realidade*. Que momento é esse?

Acho que o número de maio de 68 foi o auge da gente por causa da tragédia do José Hamilton [Ribeiro]. Em abril, no Vietnã, ele pisou em uma mina e perdeu uma perna do joelho para baixo. Foi a capa de maio de 68. Esse foi, talvez, o pico da revista com a turma fundadora, do pessoal que implantou a revista. Em outubro, o José Hamilton ainda no hospital nos Estados Unidos para pôr uma perna mecânica. A gente tinha saído de capa com os diários da Bolívia do Che Guevara, que tinha morrido um ano antes. Então, por [volta das] duas da tarde, a gente tinha voltado do almoço - já tínhamos mudado da [rua] João Adolfo, aqui no centro de São Paulo, lá para a Marginal, para o prédio novo - alguém chega com uma notícia muito exótica: o Paulo Patarra tinha sido promovido a Projetos Especiais, uma coisa do gênero. Uma promoção para baixo. Eu falei: "Que história é essa?". E quem vai substituí-lo vai ser o Sandro Porro [Alessandro Porro]. A gente não respeitava o Sandro nem como profissional nem como gente. Era um mau-caráter. Por exemplo: profissionalmente tinha um episódio com ele do ano anterior. Quando o Guevara foi assassinado na Bolívia, ele era correspondente de um jornal italiano - ele era italiano, ítalo-brasileiro - e ele escreveu um texto cujo título era: "Ho visto Guevara Morto" (Vi Guevara Morto), sem sair daqui de São Paulo. Profissionalmente a gente não tinha o mínimo respeito por ele. Diante desta notícia o Sérgio de Souza falou assim: "Eu vou lá dar uma porrada nesse cara". Ele ficava no fundo do corredor, era o chefe, tinha sob o comando dele as revistas técnicas, como se chamavam: *Máquinas e Metais, Transportes Modernos, Química e Derivados*. Ele ficava no fundo do corredor do quarto andar do novo prédio da Abril. O Sérgio levantou da mesa e foi pro corredor, eu fui atrás, quis ser testemunha. Chegando lá, o Alessandro Porro, que usava aquele "oclinho" só para ler, estava lendo um texto. O Sérgio chegou na frente dele: "Você é um rato! Levanta que eu vou te dar uma

porrada!”. Aí eu vi que o lábio tremeu. “Levanta rapaz! Eu não vou bater em um cara sentado!”. Ele se encolheu e o Sérgio disse: “Você é um rato mesmo! Um rato!”, virou as costas e foi embora. Voltamos para a redação e ficou aquele impacto: sem Paulo Patarra não vai dar. Nós saímos em um grupo: eu, Sérgio, o Marão, Roberto Freire; João Antônio estava com a gente, era escritor; o Dirceu Soares era repórter; e mais algumas pessoas que no momento não lembro. Nós fomos para um bar no térreo da galeria que tem do lado da Biblioteca Mário de Andrade, no centro de São Paulo. Lotamos uma mesa lá, às três da tarde e começamos a discutir. Chegamos, a maioria daquela mesa, à conclusão de pedir demissão coletiva. Então, no dia seguinte, voltamos lá. Eu sei que no primeiro dia, ou nos dois, três primeiros dias, 11 pediram demissão em série. A gente pedia demissão para o Luiz Carta, irmão do Mino Carta, que era diretor editorial da Abril. Esvaziou a revista, de repente. E ali acabou para nós a revista e ela também entrou em parafuso depois. No momento, os mais paranóicos podem pensar que deve ser pressão, mas a gente só foi entender o que estava acontecendo – é sempre assim - em 13 de dezembro seguinte, quando veio o ato institucional que fechou mesmo o tempo no país. Então a gente sacou que a Abril devia estar sofrendo pressões gigantescas, com toda a certeza, da direita, dos militares. A revista era muito insolente pra eles.

Quando você sai da *Realidade*, você faz parte de uma experiência de cooperativa de jornalistas que vai ser muito importante. Conta como nasce a idéia dessa cooperativa.

A cooperativa veio depois. Primeiro houve uma diáspora, porque saíram 11 [jornalistas] e depois mais outros. Havia ali quase 20 pessoas indo para a rua. No primeiro momento você não tem articulação para já juntar tudo e sair fazendo alguma coisa coletivamente. Então, eu fui para a *Última Hora*, que ainda existia; outro foi para o *Jornal da Tarde*... Antes de nascer *O Bondinho*, que depois se tornaria uma cooperativa; ainda o Samuel Wainer, que tinha acabado de vender a *Última Hora* para os Frias, consta que por seis milhões de dólares – isso é uma cifra que rolou ali naquela hora -, mas o Samuel tentou fazer um tablóide semanal chamado *Idéia Nova*, com a gente. Serjão, Sérgio Mercadante, eu, Eduardo Barreto, que era o chefe de arte da *Realidade*; o [José Adolfo de] Granville que também vinha da *Realidade*, era secretário gráfico. Ele tentou fazer esse *Idéia Nova*, pôs a gente num hotel no centro de São Paulo, mas, por coincidência, a gente estava fazendo um boneco, o número zero, quando o AI-5 foi decretado. Aliás, quem ligou do Rio de Janeiro, que estava lá, foi o próprio Samuel, dizendo: “Olha, cata tudo aí, esconde as coisas mais perigosas, taca fogo mesmo, que hoje à

noite – ele tinha seus informantes – vem o cárcere da ditadura”. Foi o que a gente fez. Isso em 13 de dezembro. No começo de 69, o Sérgio, o Narciso [Kalili] e o Eduardo [Barreto] fundaram uma empresa chamada Arte e Comunicação, pequenininha ainda, um escritório. Os três começaram a fazer pequenos serviços de imprensa: folhetos, algumas coisas, com a idéia de fazer alguma publicação e, futuramente, a tal da cooperativa. Isso rolou um ano. O Narciso tinha umas amizades tipo Bresser Pereira [Luiz Carlos Bresser Pereira], que foi ministro do Sarney, que era um alto executivo dos Supermercados Pão de Açúcar, então a idéia que deu certo no primeiro momento era lançar uma revista que ia para as gôndolas da rede de supermercados. Daí porque *O Bondinho*. O “bondinho” do Pão de Açúcar, idéia do Sérgio de Souza. Então fizeram um contrato por um ano com o Pão de Açúcar, renovável de acordo com as partes, e aí a gente começou a fazer. Então, aí sim, em 70, o Sérgio me chamou para editor de texto d’*O Bondinho*; porque havia outras publicações sendo gestadas, revista de fotografia, uma revista de quadrinho chamada *O Grilo* e *Jornalivro*, livro a preço de banana: livros sobre os quais já não se tem mais direito a pagar, como os de Machado de Assis, Lima Barreto... Era um jornal dobrado e ali tinha um livro, para vender a um real. Uma experiência que hoje ainda devia ser retomada. Fechado esse acordo com o Pão de Açúcar, entrou um dinheiro. Previa o Pão de Açúcar bancar uma revista de culinária e serviços de economia doméstica. Ao fim do primeiro ano, quando venceu o contrato, já éramos ali, entre *freelas*, gente fixa e comercial, umas 40 pessoas. Fizeram aquela assembléia geral: renova ou não renova o contrato. Eu fui voto vencido, mas a extrema esquerda venceu: fazer uma publicação com o mesmo nome, *O Bondinho*, mas para ir para a banca. Não era mais culinária e economia doméstica. Fomos para a banca com uma revista quinzenal, com o que a gente chamava de contracultura. Na época, imagina, em 70, plena ditadura, com o [Emílio Garrastzu] Médici ainda; não pintava um anúncio, nem um quarto de página. [O jornal era] a quatro cores, muito caro. Por falta de anúncio, durou um ano e pouco, uns 14 números; e a gente foi empobrecendo e teve que fechar.

Que tiragem que tinha *O Bondinho* nessa fase de banca?

Na ordem de uns 30 mil e era basicamente São Paulo e Rio de Janeiro. O que vendia não pagava o que custava.

E como era a relação com a censura?

N’*O Bondinho* não houve nada, porque a gente atuava na área de comportamento, embora a gente pegasse pesado. E o desenho de revista de contracultura, a ilustração, era underground, como se dizia. Na contramão. Ela virou uma revista

cult. Um rapaz de uma editora do Rio de Janeiro, ele passou pela redação da *Caros Amigos* e ele estava terminando de fazer um livro sobre *O Bondinho*, que tem entrevistas fantásticas com Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Maria Bethania, Jards Macalé. Acredite se quiser, mas eu não tenho exemplar de nenhum número, porque a gente era assim.

Distribuía como?

Distribuído por [Fernando] Chinaglia. Em 71, naquela época em que a gente decidia se ficava com o Pão de Açúcar, renovava ou ia para a banca, ali que a gente começou a formar uma cooperativa. Oitenta e poucas pessoas se propuseram a participar. Mas não chegou a concretizar de fato, porque não prosperou.

Mas o Ex ainda é desse grupo?

Acabou *O Bondinho*, os mesmos três e mais um, que é o Amâncio Chiodi – hoje está comigo na *Caros Amigos* – fundaram o *Ex*. Aquela empresa foi fechada e eles fundaram a *Espaço Tempo*, aí enxugou de novo, ficou uma salinha com um banheiro, ali no centro mesmo. Aí lançaram o *Ex* e uma publicação, que era o Amâncio, fotógrafo, chamada *FotoShock*. Era papel jornal, bem pobre, só de fotos malucas, de nazistas nos Estados Unidos, Esquadrão da Morte. Aí nasceu o *Ex*, que era um jornal tablóide. Ali sim começaram alguns problemas com a censura e até com a polícia federal. Porque o primeiro número – só a capa era a cor – era o Hitler, pelado, deitado numa praia tropical, com umas palmeiras, uns coqueiros. Era a forma ultra cifrada que isso aqui era o paraíso dos nazistas. Era uma época de muita repressão, risco de vida. Era risco de vida fazer aquilo que a gente fazia. Então a mensagem era altamente cifrada para as pessoas sacarem. Você não podia dizer com todas as letras. Você tinha que dizer nas entrelinhas. No *Ex* eu desenvolvi essa habilidade. A morte do Vlado [Vladimir Herzog], por exemplo, você não podia dizer que o mataram. O nosso título de capa no *Ex* 16 é “A Morte de Vlado”. Hoje você diria: “A Polícia Matou o Vlado”. Naquela época ia você junto. Matava ele, matava o redator, o editor, todo mundo. Então, como se escrevia um texto desses? Era um exercício de linguagem muito peculiar, eu diria, porque as pessoas que liam sabiam o que tinha acontecido e a gente não precisava dizer.

De onde veio o nome Ex?

É criação do Sérgio. Porque a gente era *ex-Folha*, *ex-Quatro-Rodas*, *ex-Realidade*, *ex-Bondinho*. *Ex*.

O Ex tinha muita ironia, por exemplo aquela “foto” do Nixon com roupa de presidiário.

Essa causou Polícia Federal.

Como foi isso?

O Sérgio [de Souza] e o Narciso [Kalili] estavam à frente [da direção]. O Eduardo Barreto já tinha se afastado. A polícia federal foi na casa dos dois, levou lá na Rua Piauí, aqui em São Paulo e deu um caldo neles. Um chá de cadeira num banco de madeira na Polícia Federal e deixaram lá: “Vocês esperam aí que o delegado vai falar com vocês”. Isso – digamos - numa tarde de um dia e eles amanheceram naquele banco.

Depois disso teve algum...

Depois veio um delegado, no dia seguinte, na hora que quis. Nove, dez da manhã, aí eles ficaram sabendo que eles estavam sendo interrogados por que ofenderam chefe de Estado de país amigo. Os Estados Unidos eram amigos, “muy” amigos, do Brasil naquela época. Eles eram tão amigos que eles estavam ensinando tortura para os nossos policiais. Depois dessa congesta – como é na linguagem policial – nós sofremos várias outras. O *Ex* foi fechado depois dessa reprimenda no Sérgio e no Narciso; eles se afastaram e nos ofereceram tocar o *Ex*. Nós que eu digo é o Hamilton Almeida Filho, um dos maiores repórteres que eu conheci na vida e eu. Os dois baixinhos, mais novos e mais aguerridos. E não tínhamos família. Eu tinha uma filha, mas vivia com minha mãe. A gente estava no mundo. A gente não tinha nem residência fixa. A gente estava morando na mesma casa, junto com o Paulo Patarra. Então nós pegamos o *Ex* e fomos tocar. Em 75, quando mataram o Vlado, a gente estava na redação preparando o número 16 quando entraram dois armários com dois metros de altura e um e meio de largura, um preto e um loiro - que engraçado - polícia federal. Estava o Palmério Dora também e mais uns garotos. Eles estavam comunicando que o *Ex* ia se submeter à censura prévia. “Quem que manda aqui?”; “Eu e o Hamilton”; “Então vocês dois, dia tanto de janeiro, se apresentem ao Coronel Barreto, na Polícia Federal, na rua Xavier de Toledo. Era mais de um mês depois, isso. A gente aproveitou que estava produzindo o *Ex* 16 e mudou o nome para *Mais Um* e fechou o *EX* 16 com o nome de *Mais Um*; e pôs na banca. A gente fechava e abria outro. (Nunca nos submetemos. Mandar original para Brasília, nunca fizemos isso. A edição de “O Melhor do *Ex*” que a gente tinha imprimido para fazer dinheiro estava apreendida. Estava na distribuidora, um baita prejuízo. A gente teve que fechar depois desse dia, porque ficou sem dinheiro). De sorte que quando a gente chegou na frente do Coronel Barreto ele estava com o

Mais Um na mão que ele queria comer a dentadas aquilo. Ele brandia, sacudia: "O que é isso aqui?"; "Mas coronel, é outro jornal!". Ele espumava pela boca. "Mas coronel, é outro jornal!"; "É nada!". E a gente tinha inventado de pôr história em quadrinhos e era "Comicus". De repente, ele assim: "E isso aqui? Comicús!"; "Não coronel, é Cômicus". "Não é nada! Olha aqui! Ou vocês param por aqui ou eu não respondo mais pela integridade física de vocês!". E a gente parou né, porque integridade física é uma gíria terrível.

A matéria sobre a morte do Herzog, ela sai?

Sim.

Então vamos do começo dela...

Ele morreu dia 25 de outubro, era um sábado. Então, no domingo a gente começou a se articular. Isso durou uma semana, dez dias, entre apurar e escrever. O chefe de reportagem – tecnicamente o chefe de reportagem foi o Hamilton Almeida Filho. I A gente estava já com o *Ex 15* quase pronto e a gente parou. "Parem as máquinas!". E nós tivemos uma solidariedade de categoria muito bonita, que um monte de colegas foi para a nossa redação; e não tinha telefone. O nosso telefone era o orelhão da esquina. Até uma parte do pagamento dos colaboradores, a gente comprava um saquinho de fichas na Telefônica e dava um monte de fichas para o repórter que ia fazer a matéria; e ele ficava lá na esquina telefonando do orelhão. Mas veio um monte de colegas na nossa redação, na rua Santo Antônio, se prontificando a ajudar a fazer a reportagem do Vlado. Colegas assim que a gente não via há tempos, que nem tinha muito relacionamento com a gente, mas os caras vieram todos lá: "O que precisar...". Aí o Hamilton coordenou. Eu e ele. Eu o ajudei. "Você faz isso, você faz aquilo; ouve não sei quem". Fomos todos para a rua, cobrimos o enterro. As melhores fotos do enterro do Vlado são nossas, da Elvira Lebre, que mora em Londrina hoje. Fotos fantásticas do velório, do cemitério. Mas um episódio marcante que envolve nosso amigo Ricardo Kotscho. A gente tinha acabado de escrever o texto a seis mãos, eu, Hamilton e Narciso [Kalili] – o texto final é meu, porque é a minha função, sempre foi essa. A gente estava lá fechando na redação, um dia de manhã, quando entra uma comissão do sindicato dos jornalistas do Estado de São Paulo, capitaneados pelo Sérgio Buarque de Gusmão, que depois trabalhou na *IstoÉ*. Era ele, a mulher dele, Adélia Borges, também jornalista, o Ricardo Kotscho; e tinha um quarto sujeito que eu não me lembro mais. Era uma comissão que vinha em nome do sindicato pedir para a gente não publicar a matéria. Que coisa louca! Olha o terror que vigorava. Um terror mesmo. Eles ficaram meia hora insistindo. "Olha, nós estamos pedindo que é, inclusive,

para a segurança de vocês". "Não, nós vamos publicar, não tem essa". E publicamos e o que aconteceu: o *Ex* tinha alguns assinantes, por incrível que pareça. Então eu me lembro de dois ou três casos, como por exemplo, veio lá à redação, quando foi para a banca, um senhor apavorado pedindo para ver a lista de assinantes para apagar, queimar, porque o nome da filha dele estava lá. Um anunciante mandou emissário dizendo para, no próximo número, não pôr o anúncio que já tinha programado. Muitos assinantes nos procuraram para rasgar e incinerar o nosso controle de assinantes, apavorados. As pessoas hoje não fazem idéia do que era aquele momento, aquele clima de terror. Não fazem idéia. Só vivendo.

A morte do Herzog acaba levando à retomada de uma mobilização social, depois tem também a morte do Fiel Filho. Essas coisas obrigam o governo a tomar uma postura em relação à linha dura e a se manter no rumo da distensão, embora lentíssima e gradualíssima. Você que esteve envolvido não só nesses jornais alternativos, mas em outros também. Como avalia o papel dessa imprensa alternativa na contribuição dessa retomada da mobilização social? A imprensa alternativa fez isso? Ou não fez?

Sem dúvida. Nós tratamos de cumprir nosso papel, que era o de fazer o que a gente fez. E acho que a gente contribuiu. Aquele *Ex* tirava 20 mil, vinte e pouco; vendia 12 mil, 15 mil, conforme o número e aquele a gente tirou 30 mil e tecnicamente esgotou. Ninguém achava mais. Tiramos mais 20 mil e também esgotou. Então são 50 mil exemplares da única publicação que relatou a morte do Vlado [Vladimir Herzog] com o máximo de tinta possível; porque a morte dele foi uma notícia de pirulito – como a gente chama – nos jornalões. E naquele estilo "Segundo o exército, ele se suicidou com o cinto do macacão". Se o historiador do futuro for consultar a imprensa, é isso que eles vão ter. Mas no *EX*, eles vão ter dúzias de páginas e vão entender melhor o que aconteceu. A gente contribuiu com a nossa parte nesse momento. Eu não tenho notícia de outro jornal que tenha publicado com tanto detalhes o que nós publicamos nesse episódio. Mas a imprensa alternativa toda cumpriu também um papel para o bem; como os jornais, os primeiros jornais de homossexuais, *O Lampião da Esquina*; os jornais feministas dessa Adélia [Borges], acho que era o *Mulherio*, se não me engano. É inevitável que haja pessoas dispostas a fazer o que deve ser feito. Elas existem sempre. Mesmo nas catacumbas elas tratam de fazer. O Hamilton, por exemplo, foi preso, porque estava no Teatro Oficina fumando maconha com outros colegas; isso em 74, por aí. Lá dentro do Carandiru – falecido Carandiru – ele fez um jornal, chamava *O Cadeião*. Ficou três meses lá dentro, fez um jornal, fechou dois números com a anuência do diretor da cadeia, o Coronel Guedes – famoso chefe do

Carandiru naquela época. Então, acho que foi bonito o papel que todos nós fizemos; um aqui, outro lá no Recife, Salvador; em Porto Alegre, havia *Coojornal*, capitaneado pelo Elmar Bones da Costa, meu amigo até hoje.

Aqui em São Paulo o *Versus* também foi importante...

Aliás um gaúcho também, Marcos Faerman, era amigo da gente. O *Versus* era uma abertura para a América latina, até hoje uma coisa irrepetida. Não se fez mais. Por coincidência, eu acabo de vir de uma reunião com o homem da *Prensa*, veio oferecer para a *Caros Amigos* os serviços dessa agência cubana. Nós estamos querendo também na *Caros Amigos* - não deixa de ser um *recall* do Marcos Faerman do *Versus* - abrir para a América Latina, porque é aquela história: o Brasil vive de costas para a América Latina e de frente para a Europa e para os Estados Unidos. Isso está mudando. Tem até a superestrutura, que é o Lula, com esse papel de peão, de mediar crises. Então nós vamos partir para essa também agora. É sempre um retorno. A *Caros Amigos* agora veio parar na mão dos mesmos que faziam o *EX* e o *Bondinho*, que somos eu e o Amâncio Chiodi e o Sérgio [de Souza], fundador da *Caros Amigos*, foi o fundador do *EX*. Os garotos que eram aqueles que o Serjão entregou na mão o *EX*, agora entregou a *Caros Amigos*. Ele me chamou, chamou o Amâncio e morreu. É uma coisa muito doida, isso. É astral.

Em que medida que a *Caros Amigos* é herdeira desse jornalismo que é de um tempo em que o jornalismo tinha um engajamento político. Quer dizer, esse engajamento não existe mais e a *Caros Amigos* é o lugar desse jornalismo mais engajado ou não?

Eu vejo de outro jeito. Eu acho que o engajamento político existe. A mídia gorda, como eu chamo, está engajadíssima no neoliberalismo. Eles não perceberam ainda que o [Luís Inácio] Lula [da Silva] tem 68% de aprovação. Eles não perceberam ainda. Parece que estão em Marte. Então eles estão engajados politicamente e nós também. Engajadíssimos. Nós estamos ali, não mudamos de lado. Eles também não. A *Folha de S. Paulo* fornecia veículos de segunda mão para o DOI-CODI [Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna].

A *Folha da Tarde*?

O Grupo Folha, sempre. Já era *Folha de S. Paulo* e tinha a *Folha da Tarde* que era o órgão oficial, oficioso, do DOI-CODI. Era o jornal que publicava que o sujeito tinha sido atropelado e ele estava sendo torturado e não tinha morrido ainda. E os carcereiros levavam para o cara que estava sendo torturado: "Olha, você já

morreu.” Isso eu não esqueço. Então nós estamos engajados e eu sou jornalista, não sou político. Eu sou jornalista puro, 24 horas por dia. Eu levanto da cama, tomo o meu café da manhã e vou para a redação. E agora eu vou voltar para a redação e de lá vou para casa. Eu faço jornalismo 24 horas por dia, desde criança, já falei. Então, nós somos animais políticos. Aristóteles já falou isso quatrocentos anos antes de Cristo. Nós somos animais políticos. Fazer jornalismo é fazer política. Agora, depende de qual política. Eu estou do lado do meu povo, do povo brasileiro, do lado da humanidade.

Como foi sua passagem pela televisão?

Eu fiz televisão na Globo. Meu professor de televisão foi o Fernando Pacheco Jordão, na *Hora da Notícia*, na TV Cultura de São Paulo, de junho de 73 a junho de 74. Fiquei um ano certinho lá. Ele que me ensinou televisão, eu tinha 32 anos quando eu fui fazer televisão. Não sabia nada. Eu escrevia e ele: “Não, isso é para jornal. Para televisão e rádio a linguagem é outra. Faz umas pausas, sobe uma musiquinha para criar um clima” e foi me ensinando, dando uns toques. Depois eu trabalhei na TV Globo, no *Jornal Nacional* aqui em São Paulo, mas foram três meses só e não foi muito legal. Tive censura lá dentro. Eu fiz uma edição – me lembro bem – de uma reportagem comum e a melhor fala que tinha era de um mulato, quase negro, faltava um dente dele. Eu pus e veio a Diléia Frate, editora-chefe: “Tira esse cara”; “Mas é a melhor fala!” “Mas é penoso, ele não tem um dente”. Interessante, NEê Eu saí dali convidado pelo Narciso Kalili para a falecida TV Tupi de São Paulo. Ele estava entrando para dirigir o telejornal principal da rede. Eu me lembro que eu entrei na redação – era 78 isso – e tinha uma figura que era da minha infância lá em Marília, um descendente de espanhóis, e ele falou: “Chegou mais um vermelhinho”. Ele era da extrema direita, foi traumático também. Ficamos pouco tempo, uns três, quatro meses, mas não fomos expulsos: a TV Tupi faliu, fechou. Depois eu morei no Rio de Janeiro um ano exato, de maio de 83 a maio de 84. Trabalhei lá na *TV Globo*, mas no esporte. Aí não tem problemas políticos. Depois eu fiz muito documentário *freelancer*, para várias produtoras independentes; fiz campanha política na televisão. Minha experiência na televisão é essa.

Como é a experiência de *Caros Amigos* para você?

É o meu playground. Eu tenho uma sorte na vida. Com 68 anos pegar uma revista na mão é um prêmio. É uma delícia fazer uma revista, é muito gostoso. É muito estimulante. É uma retomada. Uma volta redonda na volta da história. Uma volta completa. De novo uma revista mensal, que há muito tempo eu não fazia. Estou

guiando - eu que estou lá. É gostoso. O Sérgio me chamou há um ano, eu comecei lá dia 3 de julho de 2007, aí eu fiz uma série para ele de 12 fascículos sobre a ditadura militar. No último número, em março, ele revisou no sábado, foi para a casa. Na segunda feira foi internado e morreu. Aí eu peguei a revista número de abril nesse inferno astral. A revista, por conta da doença do Sérgio - ele era um túmulo, não falava, mas ele estava mal e a revista estava mal, estava perdendo leitores. Tinha baixado de 16 mil, 18 mil, estava com 8 mil e pouco, uma coisa assim. Na minha mão uns dois, três números ela caiu um pouco ainda e agora de uns dois números para cá ela começou... Você pega no tranco, eu peguei ali tudo balançando. Eu acredito que a gente vai levantar essa revista de novo e vamos voar com ela.

Querida saber sua opinião sobre esta iniciativa de a gente registrar essa experiência do jornalismo.

Maravilhoso! Fantástico! Oxalá mais gente faça isso. A memória é tudo. Sem memória a gente repete erros fundamentalmente. E registrar as pessoas de um momento que vai perpetuar isso para os pósteros. Já pensou se a gente tivesse depoimentos do David Nasser, daquela turma daquela época de quando eu era jovem? Acho que vocês estão de parabéns. Muito bonito. Parabéns.